O OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	-$-	-$-

10.º ANNO — VOLUME X — N.º 296

11 DE MARÇO 1887

REDACÇAO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇAO

LISBOA. L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

CHRONICA OCCIDENTAL

Mais uma vez o cidadão portuguez exerceu «o mais sagrado dos seus direitos», pseudonymo prudhommesco pelo qual, no bom estylo em voga no mundo politico, é conhecido esse bom e velho verbo *votar*, o verbo regular que mais irregular tem sido na conjugação complicada da vida das sociedades modernas.

No dia 6 do corrente mez de março — um dia bisonho, chuvoso, carrancudo, como convinha á situação — Portugal elegeu os deputados, que o hão de representar no seio do parlamento.

(Portugal aqui é simplesmente uma maneira de dizer, porque ha muitos annos — ha que bom par d'elles! — que Portugal não se mette n'essas coisas, e assigna de cruz em todos os actos eleitoraes que por ahi se lavram em todas as assembléas.)

D'esta vez as eleições nem foram mais significativas nem menos significativas que das outras vezes, e continuam a significar sempre a mesma coisa, que a maior parte da gente não se importa com isso para coisa nenhuma, e que o verdadeiro nome da vontade popular é o *tanto se me dá como se me deu*, porque de outro modo se não pode comprehender essa vontade popular, que no fim de contas é, ha tantos annos, a vontade do governo que na occasião está no poder.

Em Lisboa as eleições foram muito pouco concorridas, correram sem animação alguma, insipidas, semsabores, como aquellas somnolentas corridas de cavallos do hyppodromo do Bom Successo, onde vinte ou trinta pessoas, a escabecear de somno, viam aborrecidas correr um ou dois cavallos meios a dormir.

A ultima reforma eleitoral, a pretexto de ampliar muito mais a liberdade do suffragio universal, deu-lhe o *coup de grâce*, e acabou de vez com o tal ou qual interesse, que entre nós havia pelas luctas eleitoraes, que já não era uma coisa por ahi alem.

As eleições, feitas á antiga, se não tinham a habilidade de despertar o enthusiasmo politico, que ha tantos annos dorme um somno tão profundo, que pode bem julgar-se o somno eterno, provocavam comtudo o interesse palpitante que uma lucta entre duas creaturas faz nascer no espirito de toda a gente, esse interesse que agrupa *mirones* em torno dos bilhares, onde dois jogadores se batem a carambolas, que faz parar os transeuntes no meio da rua onde dois garotos jogam o socco, que junta uma multidão em frente do telhado onde dois gatos se arranham, esse interesse que o duello desperta sempre, que faz a fortuna dos combates de gallos na Inglaterra, que na velha Roma dos Cesares enchia de publico as vastas arenas nos dias de combate de gladiadores, e que na nossa pacata Lisboa, ainda na semana santa passada, aglomerou multidão enorme em frente da vitrine de um confeiteiro onde dois luctadores de pasta, movidos por cordeis, andavam qual debaixo qual de cima.

ESTATUA DE D. AFFONSO HENRIQUES — ESCULPTURA DE SOARES DOS REIS
(Segundo uma photographia de Biel & C.ª)

Para se interessar por essas eleições não era necessario ter politica, ser d'este ou d'aquelle partido: eram dois candidatos que se degladiavam, um d'elles havia de vencer, outro de ficar vencido — era um duello como qualquer outro, a differença era da arma, lista em vez de sabre, em vez de pistola voto, e havia verdadeiro interesse por essa lucta, de que só ficaria um triumphador.

A lei nova deu cabo de tudo isto: arranjou uma immensidade de maneiras de vencer, por accumulação, por maioria, por minoria, por todos os modos; de forma que a lucta não só perdeu todo o interesse, deixando de ser de candidato contra candidato, como tambem tornou excessivamente demorado o seu desenlace.

D'antes as eleições eram uns contos rapidos, de que se sabia logo o final: hoje são extensos romances-folhetins, por cujo epilogo é necessario esperar muitos dias.

Se tudo isto não foi feito para tirar toda a animação e enthusiasmo ás eleições, francamente não sei para que foi.

Antigamente pelo meu circulo propunham-se o sr. A. e o sr. B.: eu votava n'um ou n'outro, entregava a minha lista na mão do sr. presidente da meza eleitoral, e d'ali a nada sabia se o meu candidato, se a minha lista tinha sido vencedora ou vencida.

Hoje não senhor, hoje não só o eleitor tem um variado sortimento de deputados a escolher, e pode mesmo votar n'uma abbada d'elles, como tambem tem depois que esperar pelo resultado das eleições em todo o paiz para saber se venceu ou não o seu voto, porque podem muito bem os seus candidatos terem triumphado na urna em que viu deitar a sua lista, e terem sido completamente derrotados nas centenares de urnas que desde Tavira até Bragança, estão escancaradas ao publico n'esse dia solemne, e vice-versa.

Uma commoção requentada perde todo o seu effeito e quando o resultado da eleição chega a apurar-se, já quasi que a gente não se lembra em quem votou; quando chega a apparecer a lista geral já a gente se esqueceu do numero da cautela.

E creio muito seriamente, sem a mais ligeira idéa de paradoxo ou de humorismo, que estes dois resultados da nova lei não são tão indifferentes como á primeira vista parecerá, á desanimação com que as eleições correram d'esta vez.

Eu, sabendo na ponta da lingua o meu Mably — pelo menos de titulo — fui cumprir com os meus deveres e exercer os meus direitos de cidadão.

Levantei-me cedo, almocei, e fui á egreja levar o meu voto.

A concorrencia não era numerosa nem divertida; demorei-me um bom bocado, á espera da lettra G, aguentando a pé firme todo o diluvio de Antonios que as pias baptismaes de Lisboa teem despejado sobre a população do meu bairro, e massei-me tanto que quando deitei a minha lista, estava com immensa vontade de fazer o mesmo eu proprio — deitar-me tambem.

Nem sequer episodios comicos, já que não havia os episodios tragicos das grandes luctas renhidas das paixões violentas.

Uma paz octavianna, uma serenidade mansa, que fazia abrir a bocca aos proprios santos do altar.

De vez em quando alguns eleitores falsos, de uma ingenuidade anti-diluvianna:

— O senhor é o Proprio? perguntaram a um d'elles.

— Não, senhor; eu sou o Francisco Antonio.

Outros não sabiam onde moravam, e outros tinham-se esquecido até da sua profissão.

Mas tudo corria na boa paz do Senhor; ninguem protestava por elles quererem deitar lista sem para isso terem direito, nem elles protestavam por não lh'a receberem: e iam muito tranquillos e socegados para outra freguezia.

O resultado da eleição foi o resultado habitual de todas as eleições: — venceu por grande maioria o governo.

E se ámanhã vier outro governo, e fizer novas eleições, vencerá egualmente por grande maioria.

E assim ha muito tempo, assim foi hontem, assim foi ante-hontem, assim é hoje, assim será ámanhã... se Deus quizer!

E no fim de contas esta semana passou-se toda em eleições: nas egrejas, eleição de deputados; no *Correio da Manhã*, eleição da actriz mais formosa.

Fez um ruido enorme em Lisboa esse brinquedo lançado por uma duzia de rapazes alegres, e chegou a tomar proporções de um verdadeiro acontecimento.

Dando noticia de uma sessão de cumberlanismo feita pela actriz Amelia da Silveira, no seu camarim do theatro de D. Maria, o *Correio da Manhã* chamou a essa gentil actriz a mais formosa actriz de Portugal.

Houve contestações, mesmo no seio da redacção — a pessoa que escreve estas linhas não estava n'esse seio, foi completamente estranha a essa idéa de eleição de belleza, e é por isso que d'ella fala desassombradamente — e então resolveram, para decidir a questão, appellar para a opinião publica.

E no dia immediato o *Correio da Manhã* perguntava aos seus leitores: — Quem era a actriz mais formosa.

Eu imaginei logo que haveria alguem que viesse responder á pergunta, que apparecessem votos d'esse grupo muito restricto que anda pelos bastidores e que se importa com cousas de theatro, mas nunca imaginei que essa pergunta feita a rir n'uma local alegre, tivesse a habilidade de preoccupar enormemente uma grande parte do publico de Lisboa.

Durante os cinco ou seis dias que durou a eleição receberam-se no *Correio da Manhã*, cerca de 4:000 cartas e bilhetes postaes! isto é quasi tantos votos como os que entraram em todas as assembléas de Lisboa, nas eleições para deputados!

Por fim a eleição terminou por ser Amelia da Silveira proclamada a mais formosa por 709 votos.

Um dos candidatos a deputado por accumulação, teve em toda a Lisboa 400 votos, isto é, menos 307 do que Amelia da Silveira na eleição do *Correio da Manhã*.

É ou não é realmente extraordinario este successo enorme, alcançado por aquella eleição a brincar?

Não queremos terminar a nossa chronica sem ir tirar á enorme avalanche de graças e mercês que todas as quintas feiras o *Diario do Governo* despeja sobre Lisboa, uma distincção que veio recahir sobre um homem illustre, que tem prestado assignaladissimos serviços á instrucção popular, e que pelo seu saber, pelo seu talento, pelas alevantadas qualidades do seu espirito e do seu caracter, era já de ha muito distincto na sociedade portugueza: o titulo de conde de Valenças, dado ao dr. Luiz Jardim.

O dr. Luiz Jardim, eleito ha pouco tempo socio correspondente da Academia das Sciencias, acaba de ser agraciado ao mesmo tempo com o titulo de conde, e com a commenda de S. Thiago, uma das distincções mais subidas do nosso paiz, pois que sua magestade el-rei, como homem de lettras e distinctissimo que é, tem sempre tido um grande escrupulo na escolha n'aquelles a quem tem agraciado com essa ordem puramente litteraria, scientifica e artistica.

Felicitamos vivamente o dr. Luiz Jardim pela graça que lhe fez el-rei, premiando o seu alto merito com a commenda de S. Thiago, e felicitamos o titulo de conde e de condessa de Valenças por terem tido a boa sorte de recahir n'um cavalheiro por tantos titulos illustres como o dr. Jardim, n'uma senhora tão notavel pelos brilhantes dotes do seu espirito pelos brilhantes dotes da sua belleza e pelos brilhantes dotes do seu coração, como sua esposa, que de ha muito occupa logar proeminente entre as mais distinctas damas da primeira sociedade portugueza.

Gervasio Lobato.

ESTATUA DE D. AFFONSO HENRIQUES

Por SOARES DOS REIS

O Occidente publicou em tempo o projecto do monumento que se vae erguer em Guimarães ao rei D. Affonso Henriques (1), mas foram tão sensiveis as modificações que a estatua soffreu na sua execução definitiva, que não deixará de inspirar interesse a copia d'essa obra de arte em todos os seus novos pormenores.

Nada mais delicado para um artista consciencioso, do que reproduzir pelo pincel ou pelo escropo a imagem de uma individualidade cuja existencia se assignalou por feitos memoraveis, tornando-se os embaraços ainda maiores, quando d'esse personagem venerado pelo culto enthusiastico da historia, nada mais resta do que as narrativas por vezes phantasiosas dos velhos chronistas e uns retratos apocriphos ideados por artistas pouco escrupulosos.

Soares dos Reis, ao delinear a sua obra devia terse visto a braços com a solução de mais de um problema intrincado.

O primeiro era dar á figura a caracterisação esthetica mais concentanea com as affirmações tradicionaes; o segundo accentuar nas minudencias dos accessorios a nitidez archeologica de uma epoca bem definida.

Depois d'isso uma outra objecção se lhe offerecia naturalmente: como e em que phase da existencia devia representar o heroe?

Analysando cuidadosamente a estatua, quasi que podemos penetrar, sem grandes subtilezas, no espirito do esculptor, para explicarmos o modo como elle concebeu esse trabalho e os recursos de que se valeu para o exhibir na maxima correcção possivel da arte e da historia.

Tendo Soares dos Reis de escolher uma epoca, optou por aquella em que o personagem devia ostentar toda a robustez da sua energica virilidade e toda a magnitude do seu animo aguerrido.

Apresentou-o, portanto, na simplicidade dos seus trages de cavalleiro da idade média e sem um unico attributo da realeza, não o conquistador já acclamado nos plainos de Ourique, depois do imaginario milagre pelo qual as chronicas piedosas lhe consagraram a chefatura suprema da nação, mas sim o intrepido caudilho que reivindicando os justos direitos usurpados pela ambição arteira do conde de Trova, sellou pela primeira vez nos campos de S. Mamede, com o sangue generoso dos seus adeptos, a carta illustre que desde esse momento memoravel começava a dar os fóros de nacionalidade aos retalhos de um territorio, que ligando-se pela emancipação adquirida nas victorias de cem batalhas, constituiram o reino forte e temido que devia mais tarde estender os seus dominios até ás paragens mais remotas.

Em Guimarães, junto do berço de granito em que revigorou as forças da sua juventude e perto das veigas em que deu a primeira prova da robustez do seu braço e da audacia da sua coragem, o filho do conde borgonhez, não podia, não devia exhibir-se em effigie, na decrepitude veneranda de uma existencia gloriosa, mas em todo o esplendor d'essa mocidade retemperada para as luctas em que ia empenhar o futuro da sua patria.

Energica, altiva, athletica, como as lendas nos retratam a figura soberana de Affonso Henriques (2) a estatua insinua-se pela gravidade do aspecto, pela firmeza do olhar e pela attitude ousada, que se refletem, com a fidalguia de raça, a temeridade de coração e a sagacidade de entendimento.

A creação do estatuario, está pois, n'este ponto, verdadeiramente conforme com as indicações da historia, não havendo nem exageros de phantasia nem desmandos de concepção.

Depois d'isto, cumpre analysar as restantes particularidades, e essas não menos melindrosas, da figura — os accessorios.

É sabido que entre nós ha uma falta absoluta, tanto em arte como em litteratura, de dados positivos e seguros sobre os trages portuguezes dos seculos XI e XII e no pouco que existe a tal respeito, não é raro encontrarem-se as presumpções mais extravagantes e os erros mais imperdoaveis, devido isso em grande parte, quando não a completa ignorancia de elementos comparativos, á difficuldade de investigações que possam fornecer dados rigorosos e incontestaveis.

Em França, onde artistas e escriptores se teem entregado com louvavel dedicação ao estudo de quanto se relaciona com aquellas epocas remotas, não abundam tambem os recursos para uma orientação definida em alguns pontos um tanto obscuros ainda, e assim é que até hoje apenas se conhece como specimen mais authentico do equipamento completo do homem de guerra do seculo XI, a celebre tapessaria de Bayeux (1) fonte mais limpida em que continuam a beber todos os que precisam de reproduzir personagens ou scenas d'aquelle tempo.

Em litteratura ha tambem como trabalhos mais serios sobre a especialidade, o preciosissimo «Dictionnaire du Mobilier,» de Violet le Duc e «La Chevalerie» de Leon Gautier, obra por egual valiosa recentemente publicada.

Á falta, portanto, de meios elucidativos propriamente de casa, era natural que o esculptor recorresse a elementos extranhos e nem n'isso se pode dizer que elle andasse arbitrariamente, porque é de crer que não diversificassem muito os trages da peninsula dos que eram usados n'essa epoca, em outros paizes.

A figura veste, pois, o longo saio coberto de placas redondas que só nos fins do XII seculo começou a ser substituido pela loriga ou *haubert*, como os francezes lhe chamam.

Ao principio o artista adoptára para a sua estatua a cota de malha curta mas conhecendo depois o anachronismo, substituiu-a pelo referido saio.

Esse saio ou tunica, que se vestia por cima de um outro de tecido mais fino, era de couro ou de estofo espesso no qual se cozia um certo numero de placas redondas, quadradas ou em losango e mesmo anneis metalicos. Tinha capuz e era aberto pela frente e por detraz sem duvida para maior commodidade do guerreiro, quando a cavallo.

A loriga que depois veio a usar-se, tinha a mesma forma, mas compunha-se unicamente de anneis de metal, o que constituia a verdadeira cota de malhas, que se generalisou no XIII seculo.

O cavalleiro tem as pernas envoltas em umas bragas ou calções apertados com correias enterlaçadas. Era esse o uso da epoca, porque só depois da batalha de Bouvines (1214) em que a armadura soffreu alterações importantes, é que o referido calção começou a ser de malha, como a cota.

Na tapessaria de Bayeux não se vê nenhum calção revestido de qualquer especie de armadura, tendo-se esse uso prolongado até quando a malha estava já adoptada.

A cabeça da estatua cobre-se com elmo normando. Esse elmo tinha a fórma conica ou ovoide e compunha-se da callota ou casquete, de uma banda circular cravada de pedras preciosas e de um nasal fixo ou lamina de ferro da largura de dois dedos, que descia um pouco abaixo do nariz, destinando-se a servir de defeza ao rosto. O elmo era de aço brunido e dourado em partes, como por exemplo a callota ou a banda circular que formava o bordo d'ella. Algumas vezes tambem, as quatros bandas que ornavam o casquete, ligando-se no alto, tinham do mesmo modo cravejamento de pedras.

O uso do nasal fixo prolongou-se por muito tempo depois do seculo XII, pois vê-se ainda nos elmos dos homens de armas do XIV seculo. Comtudo a sua substituição pelo grande elmo, geralmente cylindrico, data de 1189, adoptando-se em todo o seculo XIII. Então esse capacete tinha uma viseira immovel semeada de

(1) Vid. pag 281 do vol. VIII ou n.º 232.

(2) Quando em 23 de outubro de 1832 foi aberto em Coimbra, na presença de D. Miguel, o tumulo do monarcha, todos notaram as grandes dimensões do craneo e demais ossos do esqueleto, o que demonstrava do modo mais evidente, que Affonso Henriques era de estatura elevada e de formas reforçadas.

(1) Esta notavel tapessaria, executada algum tempo depois da conquista de Inglaterra por Guilherme o Conquistador (1066) dá os pormenores mais completos sobre os *costumes* guerreiros do fim do XI seculo e do XII.

pequenos buracos e que cobria completamente o rosto.

No sitio dos olhos havia duas estensas linhas transversaes a que se chamavam olheiras ou occulares. Era o novo elmo de que fallam os escriptores contemporaneos da já citada batalha de Bouvines.

Até ao fim do seculo XII a vestidura da cabeça, como então se dizia, consistia no capuz ou camalha adherente á tunica e no elmo conico que se collocava por cima do mesmo capuz na occasião do combate.

A figura calça borzeguins ou botas de cano curto, rasgadas até ao meio do pé e ponteagudas. O cabedal preferido era o de Cordova ou cordovão, já muito estimado n'aquella epoca. As esporas compridas e ponteagudas, seguras ao pé por meio de correias afiveladas, teem a forma exacta descripta por Violet le Duc do seu diccionario do *Mobilier*.

O heroe segura o escudo com a mão esquerda e appoia n'elle a direita, que empunha a espada.

Desde o fim do XI seculo até durante quasi todo o XII, o escudo do homem de armas tinha a forma alongada de um coração com a ponta para baixo e arredondado na parte superior, sendo de dimensões extraordinarias pois chegava a cobrir o guerreiro da cabeça até aos pés. Era de madeira revestida de couro, que se segurava por meio de uma guarnição de ferro. Ao centro sobresahia um botão ponteagudo do mesmo metal, que tanto servia de defeza para fazer resvalar os golpes, como de ataque quando se batia com elle de encontro ao saio do adversario. Alguns havia pintados ou adornados de figuras extravagantes, outros com guarnições de metal que os embellezavam e ao mesmo tempo os fortaleciam. Pela parte interna o escudo era acolchoado afim de não magoar o combatente, tendo além d'isso pegadeiras de couro por onde se mettia o braço e uma outra correia para ser trazido a tiracolo, quando o guerreiro não precisava utilisal-o.

No fim do seculo XII e no começo do XIII este escudo tornou-se mais pequeno. O estatuario preferiu dar-lhe porém essas dimensões mais reduzidas, sem comtudo se desviar da verdade archeologica, por causa da propria elegancia da estatua.

Além d'isso ornou a frente do escudo com a cruz dos cruzados na fórma particular que apparece em quasi todos os monomentos do XII seculo, fugindo assim ao desproposito, tantas vezes seguido entre nós, de collocar n'elle as quinas.

Esse desproposito, tanto mais se accentua quanto é certo que os brazões, propriamente ditos, só no começo do seculo XIII é que principiaram a ser usados, tendo origem nas cruzadas e nos distinctivos que os barões adoptavam para evitar confusão.

Poder-se ha, não obstante, objectar que tanto D. Affonso Henriques tinha brazão, que apparece elle em uma moeda attribuida ao seu reinado e que é em tudo igual ás de seu filho D. Sancho. Este ponto que me parece um tanto problematico, não foi comtudo desprezado pelos auctores do projecto, pois que collocaram o referido brazão no pedestal, para satisfazerem naturalmente por esta forma aos reparos dos mais meticulosos.

Relativamente á espada, o artista, copiou-a da que existe no muzeu de S. Lazaro e que a tradicção diz ter pertencido ao fundador da monarchia.

Sem duvida alguma esta ultima espada é da epoca, porque se vê uma quasi identica, em uma das estatuas jacentes dos tumulos do mosteiro de Pombeiro, proximo das Caldas de Vizella.

É verdade que a espada de que se trata tem mais a forma arabe do que christã, mas o facto nada offerece de extraordinario, desde que se sabe que na idade média e muito principalmente entre nós, os guerreiros se serviam das espadas tomadas aos infieis.

Ainda assim convem notar que as espadas do XII seculo tinham o punho circular e achatado e que os guarda-mãos (as duas hastes da cruz) se umas vezes eram direitos, n'outras apresentavam-se um tanto dobrados nas extremidades.

Dos hombros da figura pende um amplo manto, que ostenta uma certa riqueza pelo bordado que o orla. O desenho d'esse bordado é caracteristico e copiado fielmente dos da epoca.

Finalmente, como ultimo accessorio, na base da estatua, pelo lado anterior, está disposto o fragmento de uma catapulta, formidavel machina de guerra da idade média.

O esculptor, levado pela sua paixão de artista, apresentou nus os musculosos braços do guerreiro. Esta liberdade, se tal se póde considerar, porque na tunica do fim do XI seculo as mangas desciam até ao cotovello, acha-se ainda assim justificada no exemplo offerecido no sello do rei Guilherme de Inglaterra, em que o referido monarcha tem do mesmo modo os braços todos descobertos.

Essa parte da estatua, pela sua correcção e pela consciencia com que está modellada, constitue uma das grandes bellezas da magnifica obra de arte, que é incontestavelmente mais um trabalho notavel do laureado esculptor portuense.

Trabalho de todo o ponto primoroso, reune elle ainda a qualidade valiosissima de offerecer nas suas diversas minudencias uma lição proveitosa de archeologia, no que diz respeito aos costumes guerreiros da idade média.

A estatua vae ser fundida nas officinas de Massarellos d'esta cidade.

Os vimaranenses podem orgulhar-se de possuir dentro em pouco uma das obras de esculptura monumental mais notaveis do paiz, sem para isso terem sido forçados a recorrer a extranhos.

Louvores lhes sejam dados por isso, visto terem contribuido com a sua iniciativa para mais essa glorificação brilhante da arte nacional.

Porto, fevereiro.

Manuel M. Rodrigues.

AS NOSSAS GRAVURAS

CONFLICTO DE ZANZIBAR

O governador geral de Moçambique conselheiro Augusto de Castilho — A corveta «Bartholomeu Dias» e o transporte «Africa».

O conflicto de Zanzibar, a que já nos referimos em o numero antecedente, acaba de ser resolvido da maneira mais honrosa para Portugal.

As forças portuguezas occuparam nos dias 23 a 26 de fevereiro ultimo, as povoações zanzibaristas da parte norte da bahia de Tungue, repellindo em dois ataques as forças do sultão de Zanzibar, e tomando bandeiras e peças de artilheria.

Isto realisou-se sem perdas das forças portuguezas, compostas das guarnições dos navios de guerra da divisão naval da Africa Oriental, em numero de cerca de 600 praças.

Dirigiu os ataques o governador geral de Moçambique, o conselheiro Augusto de Castilho, que depois de feita a occupação regressou a Moçambique na corveta *Affonso d'Albuquerque*, acompanhada pela canhoneira *Douro*, ficando as canhoneiras *Vouga* e *Bengo* na bahia de Tungue.

Este facto honroso para as armas portuguezas, nobilita tanto a marinha portugueza de guerra, que mais uma vez provou o seu valor, accrescentando novos louros á sua gloriosa historia, como ao sr. conselheiro Augusto de Castilho, valoroso official da nossa armada, a quem está actualmente entregue o governo geral da provincia de Moçambique.

Augusto de Castilho, filho do grande poeta Castilho, conta hoje pouco mais de quarenta e quatro annos de idade, e desde 1859, em que sentou praça de aspirante de marinha, que serve o seu paiz honrosamente, tendo partido para a sua primeira estação no ultramar em 18 de maio de 1861.

Essa estação foi em Gôa, e desde então raro tem deixado de estar no ultramar, quer em Africa, quer na India, sempre no desempenho de commissões officiaes, em que tem dado provas brilhantes da sua capacidade scientifica, administrativa e militar.

Grande conhecedor das possessões portuguezas, que tem estudado sobre diversos aspectos, interessando-se sinceramente pelo seu desenvolvimento, como quem vê n'aquelle vasto imperio de alem-mar um futuro brilhante para Portugal, Augusto de Castilho tem sempre deixado assignalada a sua passagem por aquelles dominios portuguezes, quer com estudos scientificos, quer com medidas administrativas de alcance, quer com rasgos de valor, como o que agora praticou em honra do nome portuguez.

Publicando hoje nas paginas do OCCIDENTE o seu retrato, obedecemos a um sentimento patriotico que nos manda honrar todos os que honram a patria, e d'aqui, da nossa meza de trabalho, onde os telegrammas nos trouxeram as noticias da victoria, erguemos um *hurrah* enthusiastico pelos valentes marinheiros que não esqueceram as gloriosas tradições da armada portugueza, e por Augusto de Castilho, que aviva a memoria dos Albuquerques, dos Mascarenhas e dos Castros.

* * *

A occupação de Tungue pelos portuguezes é um facto consummado, mas que é preciso garantir com a força necessaria, a fim de evitar novas complicações ou conflictos com o indigena.

Para esse fim, o governo portuguez, apesar das noticias conciliadoras e pacificas recebidas depois da nossa occupação, fez sahir a corveta *Bartholomeu Dias* e o transporte *Africa* para Moçambique, e a estas horas seguem no mar largo os dois navios, que antes do fim do mez corrente devem chegar a Moçambique.

A nossa gravura de paginas 60 representa esses navios por meio de um bello desenho do nosso collaborador artistico de marinhas o sr. José Pardal.

Com estes navios, a estação naval da Africa Oriental, sob o commando do capitão de mar e guerra sr. Joaquim da Silva Costa, fica composta da seguinte forma:

Canhoneira *Vouga*, commandada pelo commandante geral da estação, de 721 toneladas, com 137 praças de guarnição e 5 peças; corveta *Affonso d'Albuquerque*, commandada pelo capitão-tenente sr. Lopes de Andrade, de 1:110 toneladas, com 220 praças de guarnição e 7 peças; canhoneira *Douro*, commandada pelo sr. capitão de fragata Marques da Silva, de 587 toneladas 100 praças de guarnição e 2 peças; canhoneira *Bengo*, commandada pelo primeiro tenente sr. Mesquita Guimarães, de 462 toneladas, 74 praças de guarnição, 3 peças; corveta *Bartholomeu Dias*, commandada pelo capitão-tenente sr. Costa Cabral, 1:243 toneladas, 272 praças de guarnição e 17 peças; transporte *Africa*, commandado pelo capitão-tenente sr. Carlos Maria da Silva Costa, de 1:400 toneladas, 107 praças de guarnição e 2 peças.

* * *

Com respeito á bahia de Tungue, causa do conflicto que acaba de se dar, e a que já no numero antecedente nos referimos, publicando o retrato do sultão de Zanzibar, encontramos n'uma memoria do sr. Jeronymo Romero ácerca do districto de Cabo Delgado uma descripção, d'onde extrahimos alguns periodos, que ampliam o que a este respeito dissemos no referido numero:

«Defronte da ponta de Cabo Delgado, em distancia de 8 milhas para a banda do sul, descobre-se uma outra a que dão o nome de Sanga, formando ambas a emboccadura da grandiosa bahia de Tungue, cuja entrada está dividida em duas pela ilha de Ticoma ou de Jecamagi, que fica entre ellas para o lado do mar. A entrada do norte é franca a toda a hora e com qualquer tempo para toda a sorte de embarcações. A do sul é um estreito canal por onde só podem navegar pequenos barcos.

«Esta bahia é muito abrigada e segura em todas as estações, tendo de fundo de 15 até 4 braças, areia. Desemboca n'ella ao O. o rio Meninquene, que tem boa agua dôce. As margens d'este rio são ricas de canna saccharina mais grossa que a do Brazil, milho miudo e grosso, arroz, mandioca, gergelim, urzella, anil, batata dôce, café do matto e grande variedade de madeiras. Ha tambem gallinhas, cabritos, carneiros, porcos e patos de diversas qualidades.

«Ao norte, junto á bahia, em distancia de 4 milhas do rio, fica uma povoação onde habitam pretos nativos e Arabes Mujojus, sujeitos ao sultão de Tungue, Amad-Sultane, cuja auctoridade se estende a outros povoados que se encontram em volta da bahia e pela terra dentro. São pacificos e hospitaleiros estes moradores, inclinando-se muito para a religião musulmana, por isso que, sendo pouco tratados pelos portuguezes, teem estabelecido as suas relações commerciaes com os Arabes de Zanzibar e outros povos ao norte de Cabo Delgado que frequentam aquellas paragens, levando alli diversos effeitos para receber em retorno marfim, tartaruga, gomma copal, urzella, gergelim e cereaes. Para o Ibo vão sómente esteiras e gomma copal.»

VILLA DO BANHO

A paginas 211 e seguintes do VII volume do OCCIDENTE, encontra-se um desenvolvido artigo a respeito da villa do Banho e das suas magnificas aguas thermaes; por isso publicando hoje uma vista d'esta villa, copia d'uma magnifica photographia do sr. Rocha, excellente artista photographo ha muitos annos estabelecido em Lisboa, tendo actualmente o seu atelier junto ao Colyseu, nada mais

poderemos dizer, senão que os creditos de que gozam as caldas da villa do Banho, são cada vez mais confirmados pelos excellentes resultados que d'ellas tem tirado as pessoas que alli tem concorrido.

Ás virtudes medicinaes das suas aguas, reune a Villa do Banho, a sua situação assaz pittoresca, que a torna, por assim dizer, a Cintra da Beira Alta.

MONUMENTO CREMATORIO NO CEMITERIO PÈRE-LACHAISE, EM PARIS

A sciencia tem-se preoccupado n'estes ultimos annos com o enterramento dos cadaveres, como contrario aos mais elementares preceitos da hygiene, e muitas opiniões auctorisadas se tem pronunciado em favor da cremação dos cadaveres usada por alguns povos antigos.

Isto estabeleceu uma corrente de opiniões, que em Italia tornou já facultativa a cremação, e em França levou a camara municipal de Paris, a mandar construir no cemiterio do Père-Lechaise, um monumento crematorio para servir de experiencia durante dois annos, se este systema de inutilisação dos cadaveres for bem acceite pelo povo de Paris.

Foi o architecto francez Mr. Formigé quem apresentou o projecto para este monumento, de que a nossa gravura da pag. 64 reproduz o aspecto exterior.

O edificio apresenta o aspecto de templo bysantino de linhas correctas e severas; em volta veem-se as aberturas dos fornos crematorios, construidos segundo os modernos preceitos d'este genero de construcções.

O monumento está quasi concluido e deve estar a funccionar em julho proximo, principiando pelos despojos dos hospitaes de Paris.

Vicente Jorge de Castro

III

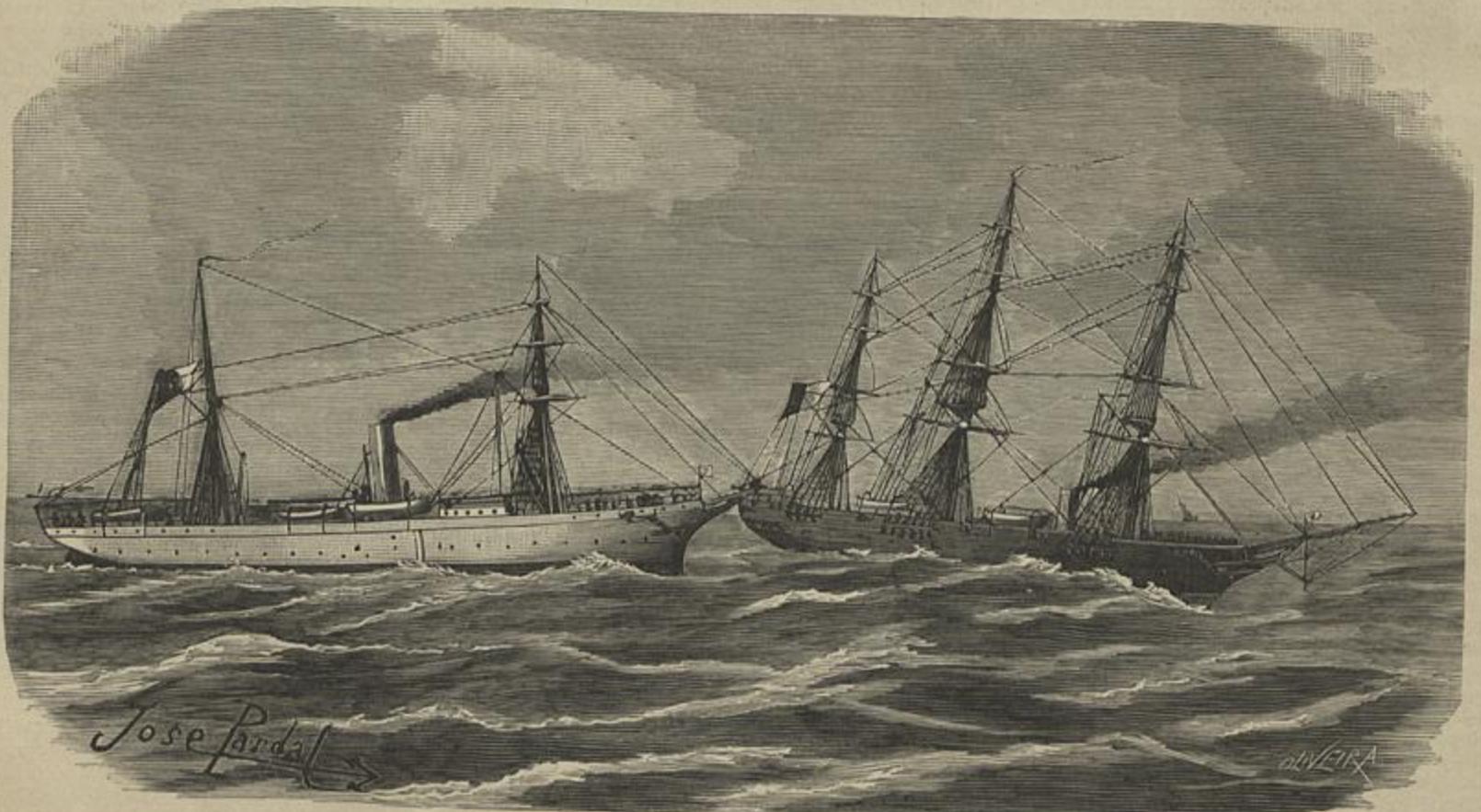
(Continuado do n.º 2_2)

A caixa de composição da typographia portugueza, foi o que primeiro chamou a attenção de Vicente Jorge de Castro, para reformar ou substituir por outra mais em harmonia com o idioma portuguez.

Effectivamente a caixa que se usava, e que ainda hoje se usa com pequenas modificações, era a que se principiou a usar nos fins do seculo XV a XVI, isto é, quando a typographia se principiou a propagar entre as nações cultas da Europa; e mal se comprehende, como esta mesma caixa tenha podido convir á diversidade de linguas, sem d'isso resultar graves inconvenientes, que obrigassem os typographos a modifical-a sensivelmente, ou a fazerem para cada lingua uma caixa em harmonia com a mesma lingua.

CONFLICTO DE ZANZIBAR

Conselheiro Augusto de Castilho, governador geral de Moçambique
(Segundo uma photographia)

CONFLICTO DE ZANZIBAR

O transporte «A[illegible]ica» e a corveta «Bartholomeu Dias», mandados sair para Moçambique por ordem do governo
(Desenho do artista amador o sr. José Pardal)

Este respeito archeologico pela caixa primitiva, tem sido, talvez, a causa principal da resistencia para a modificar, porque de resto os inconvenientes reconhecidos são tantos, que em França principalmente, tem-se introduzido varias modificações, de que resulta haverem caixas differentes, de que as mais conhecidas são: *casse de la commission, casse ordinaire a un seul compartiment, casse M. Theotiste Lefevre, casse M. Rignoux, casse de l'Imprimerie Claye.*

Todas estas caixas, porém, não satisfazem as necessidades da lingua, apesar das modificações feitas que em pouco alteram ainda a caixa primittiva. Se a isto juntarmos a difficuldade de fazer esquecer ao compositor a caixa em que aprendeu, substituindo-a por uma de nova disposição, está até certo ponto explicado este *stato quo* em presença da caixa de composição.

Estes inconvenientes procurou Vicente de Castro remedial-os, substituindo a caixa de composição da typographia portugueza, e para isso deu-se a um aturado estudo da lingua, para conhecer a afinidade das palavras e das lettras, assim como do consumo relativo de cada lettra, e com estes elementos dividiu a sua caixa de modo, que as diversas lettras ficassem o mais equilibradas possivel e dispostas de maneira a facilitarem a composição, pela aproximação das que mais gasto e mais affinidade tem na nossa lingua.

Conseguiu gloriosamente o que intentara, e desde 1852 que a sua caixa principiou a servir na sua typographia, com reconhecidas vantagens. A rotina, porém, que é o maior inimigo de todas as innovações, foi ainda a resistencia que se oppoz á nova caixa, e os que mais se deviam interessar por este grande melhoramento passaram por elle como coisa indifferente, e a caixa Castro é apenas usada hoje em meia duzia de typographias, sendo algumas na provincia e no ultramar, quando o seu uso devia aliás ser geral pelas incontestaveis vantagens que offerece.

Para tornar mais conhecida a sua caixa de composição, publicou Vicente Jorge de Castro em 1876, um folheto com o titulo *Caixa, Cavallete e Divisorio da Typographia Castro & Irmão.*

N'este folheto veem-se os desenhos da caixa Castro, da caixa antiga, e das caixas modificadas da Imprensa Nacional de Lisboa, francezas e hespanhola, para melhor se poderem confrontar, e reconhecer as vantagens da caixa Castro. Juntou mais n'este folheto desenhos do cavallete adoptado na sua typographia e de um novo divisorio, tudo de sua invenção.

VILLA DO BANHO (Segundo uma photographia de Rocha)

Já em 1871 tinha publicado um outro folheto no mesmo sentido, que distribuiu pelas typographias e imprensa do paiz, e pelos jornaes extrangeiros de typographia.

Tanto da imprensa portugueza como dos referidos jornaes extrangeiros, mereceu o trabalho de Vicente de Castro justos elogios, sendo apreciado de uma maneira especial, pelos jornaes extrangeiros de typographia.

Estas opiniões da imprensa, reunia-as Castro no seu folheto de 1876 e porque são altamente significativas para a memoria do distincto typographo portuguez, aqui inserimos algumas d'essas opiniões, dando preferencia ás estrangeiras que são tanto mais honrosas por partirem dos centros mais adiantados na typographia.

O *The Printer's Register*, jornal inglez de typographia, diz no seu numero de 6 de setembro de 1871:

«Era mais facil esperar que nos chegassem de Leipzig do que de Lisboa projectos de reformas relativas á typographia. E comtudo, é de Lisboa, do sr. Castro Irmão, que recebemos um opusculo primorosamente impresso, intitulado *Caixas, cavallete e divisorio*, em que se descreve uma nova modificação na caixa de composição, e um novo divisorio.

«As palavras com que o sr. Castro Irmão começa o seu opusculo são bem expressivas:

. . . .

. . . .

«Comparando os modelos, que ali se apresentam, da caixa antiga e da caixa nova, é digno de notar-se que a antiga caixa portugueza descripta pelo sr. Castro Irmão tem exactamente a disposição das que se acham geralmente em uso em Inglaterra; d'onde parece dever inferir-se que nos tempos em que os livros eram impressos na maior parte em latim, isto é, ha tres seculos atraz, as caixas usadas na Europa eram todas do mesmo modelo.

«Diz o sr. Castro que procurou saber qual o consumo relativo na lingua portugueza de cada uma das letras do alphabeto, a capacidade necessaria para cada uma, e os graus de affinidade que existiam entre ellas. D'este modo se constituiram seis grupos de letras, segundo a maior ou menor frequencia do seu emprego, regulando-se por esta regra a sua distribuição na caixa baixa, bem como pelas necessidades de combinar algumas d'ellas umas com outras, de accordo com as exigencias da orthographia portugueza. Assim, em quanto *e, a, o* occupam os caixotins maiores e mais á mão, as consoantes estão collocadas do modo mais commodo para proporcionar facilmente a sua ligação com as vogaes; e as letras *m, n, u, l, h, q* da melhor fórma para se effectuarem as combinações que frequentemente se dão: *qu, lh, nh, mn.*

«A nova caixa alta não differe da antiga pela configuração, mas tão sómente pela differente applicação a que se destinam os caixotins.

«O cavallete imaginado pelo sr. Castro é de construcção muito simples. Não tem grade, nem apparador, e apenas uma especie de gaveta para os utensilios do compositor.

«Ao favor do sr. Castro devemos a remessa de um divisorio da sua invenção. Consta de tres par-

tes distinctas: a columna, o divisorio propriamente dito e o mordente.

«A columna tem dez pollegadas de altura, com um espigão de ferro que serve para o fixar na caixa alta. Um descanço movel na parte inferior conserva o divisorio na inclinação desejada. O divisorio propriamente dito é uma peça de madeira polida, de pollegada e meia de largura sobre onze de comprimento, que se segura pela extremidade á extremidade da columna e se apoia no descanço já mencionado. Para conservar o manuscripto seguro ha dois mordentes formados de uma só peça de madeira, segundo o systema dos alfinetes americanos; consiste cada um d'elles em duas laminas de madeira que se apertam em uma das extremidades, em virtude da propria elasticidade, e que terminam na outra por um cabo. O manuscripto fica bem seguro por um ou por ambos os mordentes (1). A columna e o divisorio são elegantemente construidos de pau buxo.

«Este pequeno instrumento será de applicação practica? Na Allemanha, por certo, onde se usa de um instrumento similhante «Tenakel». Mas em Inglaterra estamos costumados á maior simplicidade; uma jarda de cordel com um peso em uma das axtremidades, e um pedaço de pau na outra, passando sobre a caixa alta, formam um apparelho de facilima construcção, e que tem auxiliado muito boa gente em obras de importancia. Outro systema simples, usado em Inglaterrra, é abrir na caixa baixa um buraco para introduzir uma regoa de cobre, e collocar n'ella o manuscripto dobrado. Tanto um systema como outro podem sem offensa dizer-se que são abominavelmente incommodos. Ha ainda um terceiro systema, que consiste em pregar a cópia na caixa alta com um estilete.

«Parece-nos que esta opinião aprecia o engenhoso invento do sr. Castro Irmão de um modo que provavelmente não agradará aos typographos inglezes.

«Suppomos tambem que o invento seria mais perfeito se tivesse um gancho, ou alfinete, ou um sustentaculo qualquer fixo para prender o manuscripto na extremidade superior, permittindo d'este modo ao mordente passar de uma linha para a outra a fim de guiar a vista do compositor. Parecenos tambem que toda a classe typographica deve estar agradecida ao sr. Castro Irmão pelo trabalho e engenho que empregou n'este importante melhoramento».

L'Imprimerie, jornal francez de typographia, refere-se por egual aos trabalhos de Castro, com o maior louvor para o artista, e referindo-se ao divisorio, termina o seu artigo com as seguintes palavras:

«Recommendamos o seu uso aos nossos leitores. O sr. Castro Irmão, em vez de fazer d'este utensilio um objecto de especulação, entregou ao contrario a sua idéa á publicidade, a fim de que os seus collegas na arte possam tirar d'ella proveito».

O *Archiv für Buchdruckerkunst,* jornal allemão de typographia, publicado em Leipzig o centro da arte typographica por excellencia, tambem se refere a estes trabalhos de Castro e o *Journal Für Buchdruckerkunst,* publicado em Brunswick, occupa-se largamente do assumpto em o seu n.º de 27 de setembro de 1871, dizendo:

«Fieis ao nosso principio de saudar com jubilo qualquer progresso, venha elle d'onde vier, cumprimos hoje com satisfação o dever de dar conta dos trabalhos do sr. Castro Irmão, mostrando o alcance que tem similhantes melhoramentos na typographia portugueza, e pagando o tributo de reconhecimento de que lhe somos devedores. Temos á vista um opusculo do mesmo senhor, que tem por titulo *Caixa, cavallete e divisorio da Typographia de Castro Irmão, Lisboa,* no qual se expõem em primeiro logar os fundamentos que o auctor teve para effectuar a reforma dos tres mencionados utensilios. Diz aquelle senhor que a caixa agora organisada é completamente differente da caixa antiga ainda em uso no maior numero das typographias portuguezas. Esta ultima, construida segundo as exigencias da lingua latina, lingua em que ao tempo da introducção da typographia em Portugal quasi unicamente se imprimiam os livros, devia ser alterada para poder corresponder ás necessidades da época, á proporção que a linguagem vulgar se foi propagando, e a lingua fallada começou a ser tambem a lingua escripta e a dos livros impressos.

Para adaptal-a ás necessidades d'este idioma, tinha padecido já a antiga caixa varias modificações; mas não obstante isso tornava-se necessaria uma reforma profunda para preparar o caminho para um systema uniforme. Que a reforma foi na verdade radical, mostram os dois modelos de caixas, o da caixa antiga, e o da caixa nova, que no seu opusculo o sr. Castro apresenta um defronte do outro, mas que nós julgamos poder deixar de apresentar aqui, não só por não serem de interesse para o leitor allemão, como tambem por falta de espaço».

Isto com respeito á caixa, e referindo-se ao divisorio, diz:

«Passamos a consagrar algumas linhas ao terceiro dos seus melhoramentos, o *divisorio,* tanto mais que este utensilio, aperfeiçoado como está, merece ser adoptado entre nós. Como mostra a gravura junta, consta elle de tres peças, a que o sr. Castro dá os nomes de *divisorio, columna e mordente.* Em cada uma das caixas do sr. Castro ha no travessão superior uma pequena chapa de metal, na qual se abre um furo obliquo, que serve para n'elle se embeber o espigão do divisorio, evitando-se d'este modo o estrago da caixa.

O sr. Castro descreve do seguinte modo no seu opusculo este utensilio:

. . . .

É, como se vê, um invento extremamente simples, mas de grande applicação practica, devendo merecer a todos os typographos a maior consideração, não só por esta circumstancia, mas porque evita os estragos nas extremidades da caixa

Quando pela adopção d'este utensilio se não preserve senão uma caixa de ser necessariamente crivada de buracos e completamente estragada, devem todos, quer sejam ou não portuguezes, ficar deveras reconhecidos ao sr. Castro Irmão».

(Continúa) *Caetano Alberto.*

(1) Os dois mordentes que enviámos (n.º 1 e n.º 2) tem diversa applicação, sendo o n.º 1 para o original em folhas soltas, e o n.º 2, mais aberto, para cadernos ou original mais volumoso.

FONTES PEREIRA DE MELLO

IV

São extraordinarias as difficuldades com que Fontes Pereira de Mello teve de arcar para entrar no parlamento. Correu sem novidade a eleição em Cabo Verde; fez-se como se fizera sempre desde que havia eleições, e nem por sombras se imaginava que houvesse quem se lembrasse de a contestar. O ministerio, presidido pelo marechal Saldanha, estava longe de lhe ser contrario. Foi por isso com certa surpresa que se vio que o diploma do deputado por Cabo Verde, apresentado a 22 de março de 1848 pelo secretario Sá Vargas logo a 31 era declarado radicalmente viciado pela commissão de verificação de poderes, que se compunha dos deputados Antonio Pereira dos Reis, Antonio Vicente Peixoto, Albano Caldeira, e D. José de Lacerda, tendo sido este ultimo escolhido para relator.

O motivo d'esse procedimento era o seguinte. Não voltára ainda ao poder o conde de Thomar desde a revolução do Minho, que no anno anterior fôra suffocada; mas o chefe da situação realmente era elle, e o papel dos presidentes de conselho que lhe estavam assim debaixo da tutella era bem pouco agradavel. A commissão de verificação de poderes era completamente dedicada ao conde de Thomar, que tinha no seu seio dois dos seus mais ferventes adoradores — Albano Caldeira e D. José de Lacerda. Evidentemente o chefe da situação sabia que não podia contrar com o novo deputado.

Como o parecer terminára pela rejeição, foi o deputado eleito Fontes Pereira de Mello convidado a vir á barra defender a sua eleição. E veio. Foi o seu primeiro triumpho, e de certo um dos mais brilhantes.

Foi renhido o combate. D. José de Lacerda sustentou energicamente o parecer da commissão. Atacou-o com vivacidade Antonio José de Avila, mas no momento que julgou mais propicio tomou a palavra o deputado eleito.

Foi uma verdadeira revelação, e quem se lembra do que era a eloquencia de Fontes Pereira de Mello nos ultimos annos da sua vida, pode imaginar o que seria n'esta occasião em que elle entrava nas camaras com vinte e nove annos incompletos, cheio de fogo, de vida, de mocidade, com a sua voz cheia e vibrante, com o seu olhar cheio de fogo e de vivacidade, com a sua bella estatura desempennada e erecta, e com este perfume de alma juventude que o devia envolver como que n'uma nuvem de seducção e de prestigio.

Ao lêrem-se os discursos de Fontes Pereira de Mello — se dizemos discursou porque fallou umas poucas de vezes — admira-se sobretudo a flexibilidade da sua argumentação, a promptidão da replica, o dizer a um tempo elegante, cortez, e vivacissimo e todas as qualidades emfim que depois manifestou em tão larga escala e que fizeram d'elle um dos primeiros senão o primeiro parlamentar portuguez.

A lucta foi implacavel. Logo á sua entrada na camara, encontraram-se frente a frente os homens que representavam duas gerações diversas, duas escholas politicas completamente differentes — Fontes Pereira de Mello radiante de futuro e trazendo as idéas de conciliação, de progresso, de trabalho fecundo, que tanto prestigio haviam de dar á Regeneração, D. José de Lacerda, afferrado tenazmente ao passado, intransigente e faccioso, Fontes largo, cheio de tolerancia, não pensando senão em congregar todas as forças vivas do paiz para a grande cruzada que elle desejava emprehender, D. José de Lacerda obedecendo ás inspirações de uma politica rancorosa, espirito acanhado, apesar da sua boa intelligencia, intolerante e gloriando-se da sua intolerancia como da mais importante das suas qualidades politicas.

Antonio José de Avila, combatendo o parecer da commissão, mostrára que esta não apreciára devidamente os documentos que examinára, e propoz que o parecer lá voltasse para ella o reconsiderar. A argumentação do deputado eleito, os factos que elle citára, deram mais força ás reclamações de Avila, e a maioria votou que esse parecer fosse de novo á commissão.

A commissão obstinou-se, e, passados poucos dias, apresentou segundo parecer que não era senão a confirmação do primeiro; concluia egualmente pelo voto de que fosse annullada a eleição.

Nos combates a que poz termo o deputado Augusto Palmeirim, hoje par do reino e general de divisão, pedindo que fosse julgada a materia sufficientemente descutida tomou de novo parte brilhantemente o deputado eleito. Procedeu-se á votação e quarenta e seis deputados rejeitaram o parecer, que vinte e sete approváram.

Em vista da deliberação da camara, o presidente convidou a commissão a dar terceiro parecer, em harmonia com as decisões parlamentares. A este convite respondeu a commissão enviando para a meza a sua demissão collectiva. D'ahi se originou novo debate, e d'esse debate resultou retirarem alguns dos membros da commissão as suas demissões, mantendo-as outros. Então o presidente nomeou para completarem a commissão desfalcada Antonio José de Avila, José Lourenço da Luz e Augusto Xavier da Silva. N'essa mesma sessão foi apresentado e approvado o novo parecer, e entrou finalmente no parlamento o homem que por tantos annos tinha de ser uma das suas glorias.

O ministerio Saldanha, que o novo deputado ia apoiar, ainda procurou e por meio de recomposições, sustentar-se no poder; mas havia uma influencia occulta que o minava e que mallograva todos os seus esforços. Era a influencia do conde de Thomar. A entrada de Lopes Branco e de Sá Vargas a 29 de janeiro de 1849 em nada concorreu para fortalecer o gabinete, e finalmente a 18 de junho d'esse mesmo anno desappareciam as ficções, e o conde de Thomar assumia a presidencia, levando comsigo para o ministerio. Antonio José de Avila, Ferreri, e visconde de Castellões. Era o principio do fim. Esse ministerio tinha de ser o ultimo do conde de Thomar.

Fontes Pereira de Mello, que durante as sessões de 1848 e de 1849 auxiliára efficazmente com a sua palavra e com o seu trabalho nas commissões o ministerio Saldanha, enfileirou se na opposição, apenas o conde de Thomar subia ao poder, e a campanha que dirigio contra elle na sessão de 1850 foi uma das mais brilhantes campanhas parlamentares de que rezam os nossos annaes.

Foi então que elle fez o seu famoso discurso a favor da liberdade da imprensa, e contra a chamada *lei das rolhas,* e foi n'esse discurso que mais se manifestou aquelle espirito largamente liberal, que animou sempre os actos e discursos de Fontes Pereira de Mello. Esse discurso, vibrante de indignação e resplandecente de generosos pensamentos, firmou de vez a reputação oratoria de Fontes Pereira de Mello.

O moço deputado, que apenas contava trinta e um annos, ficou desde logo indigitado como um dos futuros ministros da nova situação. Ninguem julgava porem que viria tão perto uma transformação politica que abrisse o caminho do poder ao illustre orador. Fortemente apoiada pela corôa, dispondo a seu bel-prazer do corpo eleitoral do paiz, a situação cabralina tinha raizes tão fundas, que só uma revolução a poderia arrancar. E onde estavam os elementos d'essa revolução? Mallográra-se o movimento insurreccional mais importante

que houvera n'este paiz depois da fundação da liberdade — a revolução do Porto. O paiz estava exhausto e desanimado, e sobre as ruinas de tantas revoluções assentava firme e incontrastavel o dominio do conde de Thomar.

Como Guizot em França só caira arrastando comsigo o throno de Luiz Filippe, o conde de Thomar só poderia cair arrastando na queda o throno de D. Maria II, e a este protegia-o a quadrupla alliança. Não havia por conseguinte nem a esperança mais tenue, quando rebentou de repente o milagroso movimento da Regeneração.

V

O paiz estava devéras cançado do governo do conde de Thomar. E não era porque este ministro não tivesse altas qualidades governativas, e não houvesse desempenhado na nossa historia constitucional um papel cuja importancia ninguem pode desconhecer. Mas uma das suas qualidades governativas — a energia — transformava-se, pelo excesso, n'um defeito. O seu rijo caracter, temperado no fogo da lucta, não se amoldava ás transigencias, nem se prestava a desaproveitar a victoria. A revolução de 1846 ferira-o no mais intimo da sua alma. Conseguira vencel-a, e não hesitava em esmagal-a. Talvez, se se limitasse á victoria politica, não encontrasse resistencias, porque o paiz estava tão exhausto, que não teria forças para sair de novo a campo em defeza de um principio. Fez mais, porem; tratou á hespanhola os inimigos vencidos. Rodeiou-se exclusivamente dos seus amigos politicos, e não deixou aos adversarios a escolher senão a submissão, a miseria, ou a revolta. Resolvido a fazer sentir ao paiz que as revoluções não faziam senão destruir a prosperidade publica, não se esforçou por arrancar as finanças do chaos em que as constantes agitações da guerra civil as tinham precipitado. Querendo uma vez por todas sujeitar a uma disciplina de ferro esta nação sempre revolta, não hesitou em quebrar a espada do proprio general a quem devêra a victoria, logo que este ameaçou voltal-a contra o governo que servira. Era levantar ao mesmo tempo muitas resistencias. A corda estava muito tensa; em vez de a affrouxar, procurou ainda retezal-a. Estourou.

Por isso o marechal Saldanha, apenas inaugurou o seu pronunciamento, achou-se á frente do paiz todo. Não dizemos bem: houve um momento de hesitação. Iriamos entrar de novo na senda das aventuras? Durou apenas um momento a duvida; tudo era preferivel a esta situação irritante. O paiz ergueu-se n'um movimento unanime, e o governo caiu por terra.

Não triumphava um partido, triumphava a aspiração geral e energica do paiz para o socego, para a estabilidade, para a ordem, para o progresso. O marechal Saldanha tanto o comprehendeu, que a nota predominante nas suas proclamações era a affirmação de uma larga tolerancia. Foi com essas palavras de paz que elle entrou em Lisboa, no meio de um triumpho enorme. Ninguem lhe pediu largas reformas politicas. O que lhe pediam era paz, era reorganisação dos serviços, era emfim um regimen emolliente, que acalmasse a irritação do corpo social.

Por isso os ministerios que Saldanha formou estavam longe de ter uma côr politica bem accentuada. Não entraram n'elle os vultos predominantes da Junta do Porto, a não ser o marquez de Loulé, que fôra o presidente até certo ponto honorario d'esse governo. Os outros eram Ferreira Pestana, Joaquim Filippe de Soure, Jervis de Atouguia, Franzini. O marquez de Loulé não se demorou no ministerio. Saiu com Ferreira Pestana, e com Joaquim Filippe de Soure, e em logar d'elles entraram os dois homens que iam dar ao movimento da Regeneração o seu verdadeiro caracter: Rodrigo da Fonseca e Tolerancia, Fontes Pereira de Mello o Progresso, a Organisação Financeira. Uma pallida figura appareceu por algum tempo ao lado d'elles, a do bispo do Algarve, Fonseca Moniz.

Fontes Pereira de Mello entrava para a marinha. Era uma pasta de familia, e ao mesmo tempo era tambem um pouco a pasta dos principiantes; mas mostrou logo um espirito tão arrojado e iniciador, que se viu bem que havia toda a vantagem em se lhe confiar a pasta mais importante de todas, aquella de que tudo o mais dependia, aquella em que o paiz cravava olhos anciosos — a da fazenda.

Effectivamente Fontes Pereira de Mello, apenas tomára conta dos destinos da marinha portugueza, transformára-a completamente. Até ahi conservava-se em Portugal a velha organisação da marinha ingleza, que tantos inconvenientes tem para um paiz de tão pequenos recursos como o nosso e de tão vastas colonias. Tinha marinheiros e tinha soldados. Os marinheiros eram inuteis n'um combate, os soldados nocivos n'uma tempestade. O batalhão naval era um bellissimo corpo, e pena foi que n'essa occasião se não transformasse n'um regimento de infanteria de marinha, tambem á franceza, não para guarnição dos navios, mas para guarnição das colonias. Percebe-se porem que n'essa occasião todas as reformas que se emprehendessem estavam subordinadas ao principio supremo da economia. Fontes não podia de modo algum crear ao mesmo tempo o corpo de marinheiros militares e o corpo do ultramar. Foi ao mais urgente, e introduziu na organisação das nossas «equipagens da frota» o systema francez. Fez do marinheiro ao mesmo tempo o fusileiro e o artilheiro, e esse corpo de marinheiros militares, com boa paga e com boa alimentação, com a sua dupla educação militar e naval, veio a dar esses admiraveis destacamentos, que manobram os navios, que vão depois ás baterias assestar as peças, e que saltam depois em terra nas colonias para occuparem o Ambriz, para castigarem os mussurongos, e até para darem guardas de honra e para fazerem o serviço de guarnição nas nossas cidades africanas.

Os nossos marinheiros militares para tudo servem, para tudo se conta com elles e de tudo se saem bem effectivamente. De todas as nossas instituições militares é a mais util, a mais prestante e a mais perfeita, e deve a sua existencia a Fontes Pereira de Mello, que a creou na sua rapida passagem pelo ministerio da marinha. Foi um mez que alli esteve apenas, pode dizer-se, porque tendo entrado a 7 de julho, a 21 de agosto já estava encarregado interinamente da pasta da fazenda, que não podia deixar de absorver toda a sua actividade e a sua energia. Pois n'esse breve espaço de tempo effectuou Fontes Pereira de Mello a transformação completa da marinha portugueza com a creação do corpo de marinheiros militares, creou o Conselho Ultramarino, que tão altos serviços prestou á administração colonial, e promulgou alguns uteis decretos para o regimen financeiro das nossas possessões.

Entretanto Franzini e Silva Ferrão, que lhe succedera, não se entendiam com a gerencia da pasta da fazenda, encontravam difficuldades de que não podiam por forma alguma desenleiar-se. Perdiam a cabeça completamente em face de tão arduo problema. Foi então que esse moço official de trinta e dois annos tomou a seu cargo essa difficil tarefa.

Attrahente, sympathico, de uma energia de trabalho incomparavel, que conservou até aos seus ultimos instantes, de uma energia de vontade incontrastavel, Fontes deliberou estabelecer d'ahi por diante sem uma só falta o pagamento em dia aos funccionarios. Muitas vezes nos contou elle essa campanha extraordinaria. O dinheiro escasseava completamente, e o credito só o alcançava Fontes pelo seu prestigio pessoal, pela confiança que inspirava, pelo magnetismo da sua energia. Entrava pela manhã cedo para o ministerio da fazenda, alli almoçava e jantava com uma frugalidade rara, e não levantava mão do trabalho. Os empregados, ao receberem ordem para annunciarem para certos dias os pagamentos a differentes classes, tremiam de susto, porque bem sabiam que estavam os cofres vasios. Elle ria-se dos seus terrores, insistia, e o dinheiro apparecia sempre. Costumados já a esses allivios momentaneos, a essas promessas constantemente desmentidas, a esses pagamentos mensaes que não tinham continuação, os funccionarios recebiam o que se lhes dava, imaginando sempre que no praso immediato encontrariam fechada a porta da pagadoria. Nunca mais isso succedeu, e trinta e seis annos depois d'essa hora solemne, em que esse joven tenente de engenheria emprehendia a sagrada tarefa de assegurar para todo o sempre o pão de tantas familias desgraçadas, ainda os funccionarios não viram uma só vez faltar-lhes o vencimento com que contassem. Fontes orgulhava-se justamente do que fizera, e era com verdadeira ufania — bem rara n'elle — que exclamava, batendo no *Diario do Governo:*

— Alegra-me ver ainda hoje na folha official annunciar-se o pagamento ás diversas classes exactamente nos dias que eu o fixei.

E tinha razão, porque a transformação fôra enorme. Fontes surgira como um verdadeiro redemptor. Salvando milhares de familias da miseria, accrescentára ao mesmo tempo os rendimentos do Estado. Pagos em dia, os empregados trabalhavam com zelo. Os rendimentos das alfandegas subiram extraordinariamente de um dia para o outro. A primeira condição de regularidade financeira era exactamente a regularidade do pagamento dos empregados, como a primeira condição do enriquecimento do Thesouro Nacional tinha de ser o desenvolvimento da riqueza publica. Foi isso o que Fontes admiravelmente comprehendeu.

(Continúa) *Pinheiro Chagas.*

ORIGEM DO JORNALISMO EM PORTUGAL

Ninguem ignora que a palavra *jornal* nos veiu importada da França. Esta havia-a tomado do latim *diurnus*, de *dius*, dia (1) e do italiano *jiorno*, d'onde veiu o antigo francez *Jor* e d'ahi *Jour* e *Journal*.

Jornal applica-se pois impropriamente entre nós ás folhas volantes impressas, quer ellas se publiquem dia a dia, quer em periodos mais ou menos longos. Essas folhas servem para dar ao publico a relação dos factos sociaes, e todas e quaesquer informações litterarias, artisticas e scientificas, seus estudos e apreciações.

Nos principaes estados da Europa, da Asia, da Africa e da America a palavra *jornal*, applica-se indistinctamente a todas as publicações periodicas e numeradas, que trazem as novidades do dia, da semana ou do mez, annuncios, artigos sobre politica, artes, sciencias, litteratura, etc. etc.

Entre nós esse gallicismo indescupavel tem adquirido os foros de nacionalidade, bem como muitos outros que capciosa ou inconscientemente, se tem introduzido na lingua portugueza com o fim de a mascarar, e, o que peior é, que tem sido adoptados pelos nossos lexicographos ou diccionaristas menos escrupulosos.

E, na verdade, o vocabulo *jornal* é para nós desnecesario, possuindo, como possuimos, no nosso opulento idioma, tantos que melhor exprimem a idéa, e mais propriamente *diario*, para significar da folhas quotidianas, e *periodico*, para abranger tanto aquellas que diariamente se publicam como as que sahem em periodos mais ou menos longos. O puritanismo da lingua assim o exige, assim o impõe.

Sabe-se a differença que, no genuino sentido da palavra existe entre o *jornal* e o *periodico*, e, todavia, quasi todos nós teimamos em a confundir na accepção.

Quem publica uma folha periodica dando-lhe o titulo de *Jornal* de certo errará e muito mais crasso se tornará o erro quando se disser fallando collectivamente: *jornaes diarios*. Fica uma superfluidade, ou antes um pleonasmo horripilante que, ainda mal, todos os dias estamos ouvindo repetir ao fallar-se das folhas diarias. Hoje temos *jornaes* que sahem por semana, e *diarios* que se publicam *bi-semanalmente*. Será isso devido á ignorancia da etymologia d'estes vocabulos ou ao desleixo imperdoavel do que elles significam? Talvez uma e outra cousa. A maior parte dos periodistas de ha cincoenta annos eram mais zelosos da pureza e vernaculidade da nossa lingua do que o são hoje os nossos jornalistas — Com algumas honrosas excepções — e ainda bem que as ha para que a tunica da vestal não fique de todo maculada.

O burilado do estylo, os estranhos lavores, o rendilhados exquisitos, os arabescos com que res vestem a phrase, as complicações ridiculas, as estranhas metaphoras, as hyperboles, os neologismos, a affectação pretenciosa onde o pensamento se extravia e desvaira por entre ouropeis e lantejoulas, ameaçam precipitar a formosa lingua de João de Barros, Camões, padre Antonio Vieira, frei Thomé de Jesus, frei Luiz de Sousa, Almeida Garrett, e tantos outros classicos puros, nos labyrinthos nebulosos do gongorismo onde, mal para as patrias lettras, se precipitaram Quevedo, Manoel de Galhegos, Gabriel Pereira de Castro e outros vigorosos talentos que floresceram no seculo XV e XVI.

Algumas das *folhas quotidianas* que ao começo d'este seculo se publicaram em Portugal tomaram por titulo *Diario* taes como, *Diario Lisbonense*, *Novo Diario de Lisboa*, *Diario do Porto*, *Diario Nacional*, *Diario da Regencia*, etc.

Antes d'isso Felix Antonio Castrioto havia fundado o seu *Jornal Encyclopedico*, que sahiu em periodos muito irregulares.

A primeira folha que em Portugal se publicou quotidianamente teve por titulo *Diario Lisbonense*, fundado por Brocardo e cujo primeiro numero appareceu em 1 de maio de 1809. É como que o continuador das ephemerides historico politicas editadas pelo dito Brocardo, intituladas *O Observador portuguez historico politico de Lisboa*, nas quaes se relatavam dia a dia todos os acontecimentos occorridos na capital desde o dia 27 de

(1) Os romanos chamavam *acta diurna* aos seus periodicos ou ornaes.

novembro de 1807, partida para o Brazil do principe regente e toda a familia real, e entrada dos francezes, até 15 de setembro de 1808.

Esta obra se bem que apparecesse á luz da publicidade *escripta por um anonymo* é attribuida a Benevenuto Antonio Caetano de Campos.

Ao *Diario Lisbonense* seguiu-se a *Gazeta de Lisboa*, que, de tri-semanal que era tornou-se folha quotidiana, desde 1 de julho de 1809. Depois appareceram successivamente *O Novo Diario de Lisboa*, o *Mensageiro*, o *Journal de Lisboa*, sahindo á luz da publicidade todos com o seu primeiro numero no dia 1.º de setembro de 1809, com o mesmo formato e impressos na Impressão Regia.

Como se vê a palavra nos veiu com todo o *cachet* francez. D'ahi em deante estava aberta a porta ao gallicismo chegando até a appropriar-se aos periodicos hebdomadarios, bi-semanaes, quinzenaes e até aos que sahiam de mez a mez!

NOVO MONUMENTO CREMATORIO NO CEMITERIO DO PÈRE-LACHAISE, EM PARIS

Em 1816 appareceu o *Jornal das Bellas-Artes* que se publicou semanalmente, depois seguiram-se-lhe os jornaes das diversas associações scientificas e litterarias sendo pela maior parte folhas mensaes.

Em 1867 o livreiro José Joaquim Bordalo fundou o *Jornal das Damas* que se publicou em periodos semanaes e teve uma voga extraordinaria. Hoje ainda nos apparece de vez em quando sobre a nossa mesa de trabalho o *Diario Civilisador*, fundado pelo nosso amigo o sr. João Wagner Russell, folha que elle publicava em periodos irregularissimos, apesar de a ter adornado com aquelle pomposo titulo.

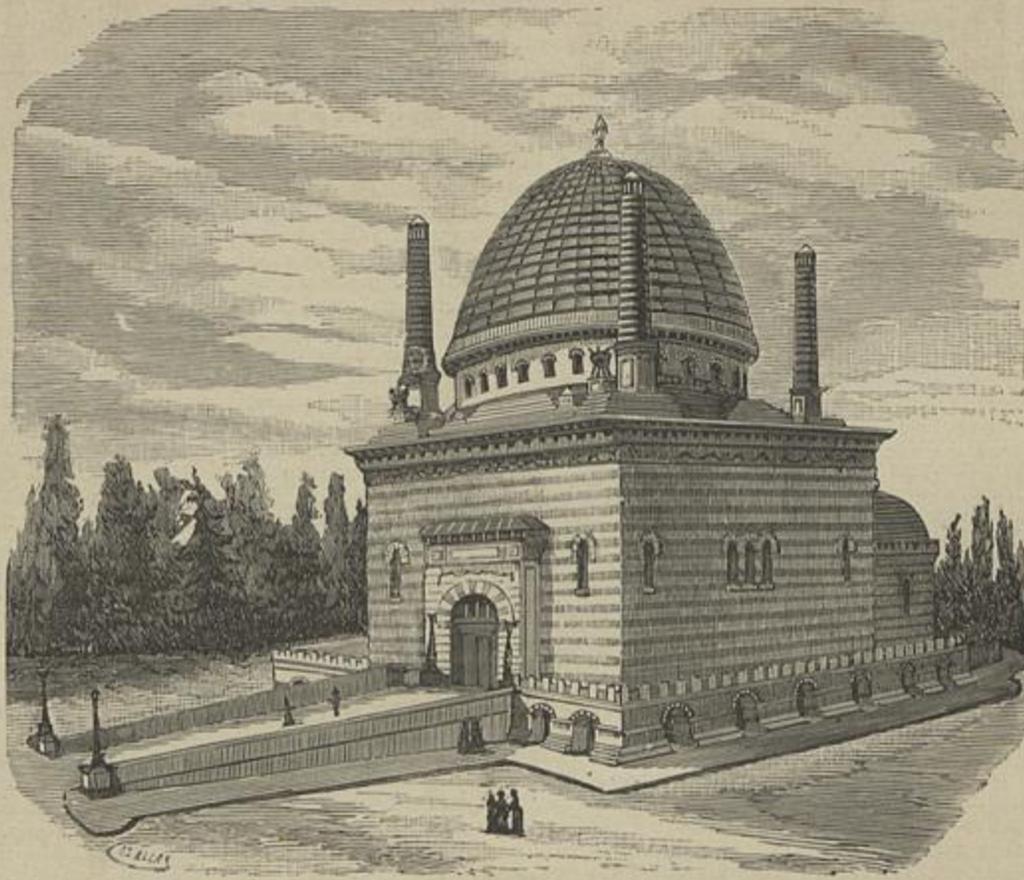
É a confusão na republica das lettras, republica que partecipa da enfermidade das suas causas.

Em todo o caso temos de nos conformar com o francezismo e somos forçados a adoptal-o em detrimento de tantos outros termos mais apropriados na nossa lingua.

Nacionalisemos pois as palavras, ou neologismos, *jornal, jornalismo, jornalista*, já que a Academia Real das Sciencias não nos poude fallar d'ellas no seu malogrado diccionario.

(Continua) *Silva Pereira.*

RESENHA NOTICIOSA

CONDES DE PARIS. Chegou a Lisboa no dia 3 do corrente, no comboyo das cinco horas e tres quartos da manhã, a sr. condessa de Paris acompanhada de seus filhos, á excepção do duque de Orleans que está em Inglaterra, n'um collegio. Era esperada na *gare* por sua alteza o principe D. Carlos com o seu official ás ordens o sr. conde do Seisal. A comitiva da sr.ª condessa de Paris, compõe-se do dr. Gueneau de Mussy e esposa, viscondessa de Butler, mademoiselle Lavasseur, preceptora das princesas, e o administrador-secretario mr. Gillot. A sr.ª condessa de Paris com seus filhos e comitiva hospedou-se no Grand Hotel Central, occupando todo o primeiro andar e parte do segundo. Poucas horas depois de chegar, dirigiu-se a sr.ª condessa de Paris ao palacio de Belem a visitar a sr.ª duqueza de Bragança sua filha de que havia dez mezes estava apartada. Depois do almoço retirou-se para o Grand Hotel Central, onde os duques de Bragança vieram jantar com a sr.ª condessa. Suas magestades el-rei D. Luiz e rainha D. Maria Pia, vieram comprimentar ao hotel a sr.ª condessa de Paris. O sr. conde de Paris chegou a Lisboa no dia seguinte.

ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS. Reuniu em a noite de 3 do corrente, sob a presidencia do sr. conde de Ficalho a Academia Real das Sciencias, com a assistencia dos srs. Latino Coelho, secretario geral, e socios effectivos os srs. Pinheiro Chagas, Motta Pegado, Gaspar Gomes, Nery Delgado, Bocage, Thomaz de Carvalho, José Horta, Vilhena Barbosa, Jayme Moniz, Silveira da Motta e Pina Vidal, e socios correspondentes srs. Silvestre Bernardo Lima, Eduardo Perry, Choffat, Virgilio Machado, Estacio da Veiga, Eduardo de Abreu, Luiz Jardim, José Manuel Rodrigues, Agostinho de Ornellas, Agostinho Bom de Sousa, Brito Aranha, Marrecas Ferreira, Vasconcellos Abreu e Schiappa Monteiro. O sr. Thomaz de Carvalho apresentou á Academia o manuscripto de um *tratado de pharmacologia e de materia medica* do sr. Eduardo Motta professor de materia medica na Escola Medica-Cirurgica de Lisboa, e fez o elogio do auctor. Foi tambem presente á assembléa um outro manuscripto *Sobre a rectificação dos arcos de ellipse*. As obras impressas offerecidas á Academia foram: *Introducção á theoria da balistica* pelo sr. José Manuel Rodrigues; *Balistica analytica*, pelo mesmo; *Sur le théorème de Eiseuztein*, extracto de uma carta do sr. Cermite, pelo sr. dr. Gomes Teixeira; *Tratado de anatomia descriptiva*, pelo sr. dr. José Pereira Guimarães, da faculdade de medicina do Rio de Janeiro; *Duas palavras sobre alguns craneos do gabinete anatomico da Escola de Medicina do Rio de Janeiro*, pelo mesmo; *Excursions arithmetiques*, pelo sr. Ernesto Cesáro; *viagem na Hespanha*, pelo sr. Anselmo de Andrade; *A orthographia etymologica e a sciencia*, pelo sr. Francisco José Monteiro Leite; *Tratado elementar de Hastologia normal y patologica*, pelo sr. Aureliano Maestre de San Juan y Muñoz, professor da faculdade de Madrid; *Glosario etimologico de las palabras españolas de origen oriental*, pelo sr. D. Leopoldo de Eguilaz y Yanguas; *Obras* do sr. D. João Chrisostomo de Amorim Pessoa, arcebispo e senhor de Braga, primaz das Hespanhas. O sr. José Manuel Rodrigues fez uma exposição da theoria da resistencia dos fluidos e dos principios que servem de base ao seu estudo de introducção á theoria da Balistica. O sr. Ornellas fez sentir por meio de um artigo do *Temps* o burlesco a que póde conduzir a applicação da orthographia sonica á escripta da lingua franceza. O sr. Vasconcellos Abreu, agradeceu á Academia o tel-o eleito seu socio correspondente. Foram propostos socios correspondentes os srs. Ernesto Cesáro, Anselmo de Andrade e Francisco José Monteiro Leite. Resolveu-se que a primeira e segunda classe da Academia nomei os delegados que tem de a representar no collegio eleitoral para a eleição de pares do reino. Ficou adiada para a proxima sessão a discussão do relatorio ácerca do diccionario da lingua portugueza, assim como a do projecto de regulamento para adjudicação do premio de 1:000$000 réis instituido por el-rei D. Luiz.

EXPOSIÇÃO DE PINTURA E ESCULPTURA EM PARIS. Uma sociedade artistica franceza, composta de senhoras pintoras e esculptoras, realisou em Paris uma exposição das suas obras. Entre as expositoras figura um nome portuguez, madame Sousa Pinto, que suppomos será o da esposa do sr. Sousa Pinto alumno da Academia Portuense de Bellas Artes, pension'sta que está estudando em Paris.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

A morte de Abel, *poema em cinco cantos.* Versão portugueza de Carlos Eugenio João Filippe Ferreira. Bombaim, 1886. O bello poema de Gesner acaba de ser vertido em portuguez, em uma magnifica versão em prosa pelo sr. Carlos Eugenio João Filippe Ferreira, de Bombaim, onde pelo que se vê ha quem cultive com amor a lingua de Camões.

As Farpas, o *paiz e a sociedade portugueza.* Ramalho Ortigão, reedição largamente ampliada, David Corazzi editor, Lisboa. De ha muito que n'esta secção do nosso periodico, não damos noticia de obra portugueza tão vantajosamente reputada e conhecida no paiz e fora d'elle. *As Farpas* desde o seu apparecimento, em 1871, produziram na sociedade portugueza uma profunda sensação, como a primeira obra de critica que se apresentava em Portugal, critica levantada e justa, que obedecia á arte e á sciencia, desassombradamente, dentro dos limites da boa critica, fina e espirituosa. Raras teem sido as producções da litteratura portugueza que tenham tido tão grande voga dentro e fora do paiz como *As Farpas*, e a prova está na difficuldade com que hoje se pode obter um ou outro exemplar. A reedição d'esta obra litteraria, ampliada com muitos outros artigos de critica do mesmo auctor, dispersos em differentes jornaes de Portugal e do Brazil, formará uma serie de volumes interessantissimos, como da obra litteraria portugueza dos tempos modernos do mais subido valor.

Vinte mil leguas submarinas, primeira parte *O homem das aguas*, por Julio Verne, traducção de Gaspar Borges de Avellar. David Corazzi editor, Lisboa. Este volume pertence á collecção das viagens maravilhosas de Julio Verne, que está sendo reeditada em edição popular e economica.

TYP. ELZEVIRIANA.—Rua do Instituto Industrial, 23 a 31 — Lisboa.